

CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DE SEIS COMUNIDADES DE FLORIANÓPOLIS/SC: UMA ANÁLISE A PARTIR DA AMOSTRA FLORIPA

SOCIO-HISTORICAL CHARACTERIZATION OF SIX COMMUNITIES OF FLORIANÓPOLIS/SC: AN ANALYSIS FROM THE FLORIPA DATABASE

Rosângela Pedralli

Professora do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina

rosangelapedralli@hotmail.com

Sabatha Catoia Dias

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina

sabathadias@gmail.com

RESUMO: No presente estudo, são discutidas as especificidades de ordem sócio-histórica de comunidades de cinco regiões florianopolitanas – central, norte, sul, leste e continental –, tendo por base artigos, levantamentos censitários e dados de 24 entrevistas sociolinguísticas realizadas nas respectivas regiões no primeiro semestre de 2012. O percurso analítico foi norteado pelo interesse em responder à seguinte questão de pesquisa: *Qual a caracterização sócio-histórica das comunidades nas quais foram realizadas as entrevistas com metodologia pautada na sociolinguística laboviana que constituem a amostra Floripa?* Os resultados sinalizam para traços comuns entre as comunidades caracterizadas como *mais urbanas* e entre as caracterizadas como *menos urbanas*.

PALAVRAS-CHAVE: Caracterização sócio-histórica. Florianópolis. Comunidades mais urbanas. Comunidades menos urbanas.

ABSTRACT: *In the present study, socio-historical traits of five communities of Florianópolis – central, north, south, east and continental – are discussed, based on papers, census surveys and data from 24 sociolinguistic interviews conducted in those regions in the first semester of 2012. The analysis was guided by the interest in answering the following research question: What is the socio-historical characterization of the communities in which the interviews (conducted with a methodology based on Labovian Sociolinguistics) that constitute the Floripa database were carried out? The results point to common traits between the communities characterized as more urban and between the ones characterized as less urban.*

Keywords: *Socio-historical characterization. Florianópolis. More urban communities. Less urban communities.*

INTRODUÇÃO

O presente estudo discute especificidades de ordem sócio-histórica em cinco regiões diferentes do município de Florianópolis/SC, a saber: região central, região norte (duas comunidades), região sul, região leste e região continental. Contaremos, para tal, com uma descrição social e histórica de cada uma dessas comunidades, tendo por base artigos e levantamentos censitários, além de dados, pertinentes ao nosso enfoque, resultantes de 24 entrevistas com metodologia pautada na sociolinguística laboviana realizadas nessas regiões, no primeiro semestre de 2012.

As regiões central, norte, sul, leste e continental do município de Florianópolis/SC são, reconhecidamente, ricas em especificidades de diferentes naturezas (linguísticas, culturais, ocupacionais etc.), quer seja pela constituição histórica de cada uma das regiões, quer seja pelo crescimento e pela ocupação demográfica com configurações bastante distintas a depender da região, bem como por outras particularidades. Tais especificidades sociais e históricas das regiões florianopolitanas parecem ser um interessante objeto de estudo, pelas possíveis implicações da constituição dessas comunidades em aspectos linguísticos. Isso porque entendemos que as questões linguísticas são nodais no movimento de distinção/aproximação com os demais membros de seus entornos sociais imediatos e nas relações estabelecidas entre eles.

O recorte de pesquisa anteriormente delimitado é explicitado pela seguinte questão de pesquisa: *Qual a caracterização sócio-histórica das comunidades nas quais foram realizadas as entrevistas com metodologia pautada na sociolinguística laboviana que constituem a amostra Floripa?*

Assim, com uma abordagem metodológica qualitativa, temos por objetivo principal descrever especificidades de ordem social e histórica das cinco regiões diferentes do município de Florianópolis/SC, ancoradas em entrevistas sociolinguísticas da amostra *Floripa*, entrevistas que foram realizadas com moradores dessas regiões, participantes de nosso estudo na condição de informantes, além de outras fontes complementares.

Temos como objetivos complementares: (i) compreender, numa perspectiva social e histórica, a constituição das comunidades nas cinco regiões de Florianópolis/SC; e (ii) entender em que medida as questões de sazonalidade, empregabilidade e mobilidade social se relacionam à constituição demográfica dessas comunidades. Esses aspectos, a nosso ver, ajudarão a compreender as condições sócio-históricas de constituição, conservação e/ou variação de certos usos linguísticos, especialmente aqueles que carregam marcas identitárias.

Para tal, contamos com cinco seções, a saber: (1) Comunidades de fala; (2) As comunidades e a definição de *mais e menos urbana*; (3) A constituição histórica e social das diferentes regiões de Florianópolis; (4) Semelhanças e dissimilaridades das regiões do município: uma síntese; e, por fim, (5) Considerações finais.

2 COMUNIDADES DE FALA

É sabido que os falantes possuem a capacidade de identificar muitas características de outros falantes somente a partir da audição da fala desses (GUY, 2003). Isso, em grande medida, se deve ao fato de a língua não ser um objeto monolítico e uniforme, mas possuidora de diferenças. Porém, como pode parecer numa dedução

simplória, a identificação da fala dos outros não implica apenas diferença em si, mas também semelhança (GUY, 2003).

Guy (2003, p. 1) atenta para o fato de que, nesse movimento de identificação de características linguísticas, “os traços linguísticos distintivos que nos permitem atribuir uma identidade social às vozes que ouvimos devem ser sistemáticos e gerais dentro dos grupos assim identificados”. Essas características linguísticas, mais sutis ou mais expressivas, de diferenciação ou de semelhança, no entendimento de Guy (2003, p. 2), estão diretamente relacionadas à “[...] formação de uma maneira distintiva local de falar, e os habitantes de uma região em geral usam estes traços locais, os quais, por consequência, ficam sendo marcadores da identidade local”.

Tais marcadores linguísticos possuem, como assevera o autor, uma dupla característica que seria responsável por reunir os falantes em determinada camada social ao passo que os distinguiria coletivamente dos falantes de outras camadas. As diferenças entre os falantes de uma ou outra camada social seriam, ainda, segundo o autor, sistemáticas e não aleatórias.

Outro aspecto interessante defendido por Guy (2003) é o fato de que essa diferenciação, que tem no componente linguístico o seu cerne, não é circunscrita a diferenças entre os falantes. Ela se materializa no *interior* do falar de cada pessoa, ou seja, “[...] os falantes de diferentes dialetos ou classes sociais têm muitas coisas em comum, ao mesmo tempo em que têm algumas diferenças” (GUY, 2003, p. 2).

À luz desses aspectos implicados na questão linguística do falante – aspectos estes vinculados aos traços linguísticos distintivos atribuidores de identidade social –, Guy (2003) propõe o conceito de *comunidade de fala*. O autor, com esse conceito, procura contemplar o elemento estritamente linguístico e não o sociológico; logo, focaliza essencialmente as redes de comunicação, ou seja, *quem fala com quem* (GUY, 2003, p. 2).

Com o objetivo de identificar agrupamentos de falantes que têm algo linguístico em comum, o autor propõe que

[...] a abordagem mais produtiva a essa tarefa é procurar agrupamentos linguísticos que refletem a realidade comunicativa dos usuários da linguagem; isto é, reunir os falantes que se comunicam mais entre si, e distingui-los de outros grupos com quem os primeiros falam menos, ou nunca. (GUY, 2003, p. 2)

Em linhas gerais, então, a comunidade de fala se caracterizaria como um grupo de falantes que possuem traços linguísticos comuns entre si e que se distingue de outros grupos por tais traços linguísticos; além disso, os falantes de um determinado grupo se comunicariam mais entre si do que com falantes pertencentes a outros grupos; e, ainda, compartilhariam normas e atitudes no que compete ao uso da linguagem (GUY, 2003).

Assim, uma comunidade linguística é definida considerando dois aspectos: a língua comum usada por seus falantes e a comunicação interna na comunidade. Ou, nas palavras do autor, em primeiro lugar, “[...] pelo fato de existir uma língua em comum nela usada; mas, ao mesmo tempo, a variedade da língua usada na comunidade é distinta, pelo menos em alguns traços, das variedades usadas em outras comunidades” (GUY, 2003, p. 2); depois, “[...] a comunidade é caracterizada por uma densidade de

comunicação interna relativamente mais alta do que a densidade externa. Ou seja, falantes em uma comunidade tendem a falar mais com outros falantes da mesma comunidade do que com pessoas de fora” (GUY, 2003, p. 2).

A comunicação intensiva entre os falantes é, assim, o fator que mantém a coerência linguística dentro da comunidade de fala. Do mesmo modo, é o contato linguístico mais escasso com outras comunidades que promove/origina o desenvolvimento das diferenças linguísticas entre essas mesmas comunidades. De acordo com a simplificação proposta por Guy (2003, p. 3), “[...] tendemos a falar como aquelas pessoas com quem falamos mais”.

O contato linguístico com outros, entretanto, não é suficiente para que haja uma adoção de suas características. Estão implicadas na adoção de características linguísticas desse ou daquele grupo questões de atitude e de vontade, que poderíamos definir como a identificação com a comunidade de fala (GUY, 2003, p. 3).

O autor atenta, ainda, para o fato de o conceito de comunidade de fala permitir o trabalho com comunidades de fala encaixadas ou, também, de um mesmo falante participar de mais de uma comunidade. Esse encaixamento e essa participação do falante em mais de uma comunidade implicaria considerar que, por exemplo, falantes de português da região dos Ingleses¹ formariam uma comunidade aproximada. Ao mesmo tempo, falantes de Florianópolis também constituiriam uma comunidade de fala. Os falantes de português do Brasil, por sua vez, formariam uma comunidade de fala que acabaria por englobar essas duas outras comunidades. Ao passo que, por fim, todos os falantes de português do mundo seriam uma comunidade de fala por compartilharem a mesma língua, embora com diferenças substantivas se considerado esse encaixamento.

Nesse sentido, é objetivo deste artigo compreender especificidades históricas, sociais e linguísticas das seis comunidades de cinco regiões diferentes do município de Florianópolis/SC: Trindade – região central, Coqueiros – região continental, Ingleses e Santo Antônio de Lisboa – região norte, Ribeirão da Ilha – região sul – e Costa da Lagoa – região leste (cf. mapa em anexo). Nas seções que constituem este artigo, então, procuramos tratar das similitudes e das dissimilitudes de caráter histórico e social entre essas comunidades.

Vale mencionar que não estamos propondo, aqui, que se trata de seis *comunidades de fala*, nos termos de Guy (2003). Se essas seis comunidades em estudo se caracterizam ou não como comunidades de fala distintas, nos termos de Guy, é uma questão não central neste artigo. Estudos de diferentes fenômenos linguísticos variáveis a partir de dados de fala de cada uma dessas comunidades é que oferecerão elementos para uma discussão dessa natureza, como, por exemplo, Monguilhott (2009), Davet (2013), dentre outros. Por ora, nos limitamos a levantar a problematização: Trindade, Coqueiros, Ingleses, Santo Antônio de Lisboa, Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa se configuram como diferentes comunidades de fala?

3 AS COMUNIDADES E A DEFINIÇÃO DE MAIS E MENOS URBANA

As comunidades, nas quais se realizaram as entrevistas sociolinguísticas, foram divididas em *mais urbana* e *menos urbana*. Tal divisão está ancorada no estudo de Bortoni-Ricardo (2004).

¹ Bairro localizado na região norte do município de Florianópolis/SC.

A autora propõe, na respectiva obra, três contínuos distintos, porém, complementares para o estudo da variação linguística no português brasileiro. São eles: (i) *contínuo de urbanização*; (ii) *contínuo de oralidade-letramento*; (iii) *contínuo de monitoração estilística*. Para o âmbito deste artigo e para os fins de classificação em comunidades *mais e menos urbanas* que foi adotada no levantamento de dados da amostra Floripa, trataremos somente do primeiro dos três contínuos.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 52), a representação do contínuo de urbanização pode ser a seguinte:

.....
variedades rurais isoladas

área rurbana

variedades urbanas padronizadas

Observa-se que, em um extremo, situam-se os falares rurais mais isolados; no outro extremo estão os falares urbanos que, como aponta a autora, “[...] ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo a influência de codificação linguística, tais como a definição do padrão correto da escrita, [...] do padrão correto de pronúncia, [...] da composição de dicionários e gramáticas” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 51). Explicando sumariamente a historicidade de tais variedades, a autora afirma que

[...] Enquanto os falares rurais ficavam muito isolados pelas dificuldades geográficas de acesso, como rios e montanhas, e pela falta de meios de comunicação, as comunidades urbanas sofriam a influência de agências padronizadoras da língua, como a imprensa, as obras literárias e, principalmente, a escola. Nas cidades também se desenvolvia o comércio e, depois, a indústria: ali se instalavam as repartições públicas civis e militares, as organizações religiosas e outras instituições sociais que são depositárias e implementadoras de culturas de letramento. No âmbito dessas instituições, são usados preferencialmente estilos monitorados da língua tanto na modalidade escrita quanto na oral. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 51-52)

No espaço entre as variedades rural e urbana está situada a *zona rurbana*. Tal espaço é caracterizado por um grupo formado por comunidades do interior residentes em núcleos semirurais, uma vez que são influenciadas por variedades urbanas, bem como por migrantes de origem rural que preservam o repertório linguístico de seus antecedentes culturais (BORTONI-RICARDO, 2004).

Importa explicar que nesse contínuo de urbanização não há fronteiras rígidas separando os falares urbanos, rurbanos e rurais; ao contrário, as fronteiras existentes apresentam fluidez, o que acarreta uma sobreposição entre os tipos de falares. Daí o nome sugerido pela autora: *contínuo*.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), é possível situar qualquer falante do português brasileiro em um determinado ponto desse contínuo, levando em conta a região onde ele nasceu e vive. Tal identificação leva em conta, sobretudo, aspectos linguísticos, visto que há diferenças na fala de sujeitos situados em cada um desses espaços, no que diz respeito à diferença de entonação, de léxico etc.

Há, nas zonas rurais, itens linguísticos específicos do falar rural e que vão desaparecendo à medida que há aproximação da zona urbana; tais traços possuem, portanto, uma distribuição *descontínua*, pois “não há continuação de seu uso” nas áreas urbanas. Por outro lado, existem outros traços que estão presentes na fala de todos os brasileiros e, portanto, distribuem-se ao longo de todo o contínuo. Esses traços, ao contrário dos outros, têm uma distribuição gradual. Tais são chamados de *traços graduais* (BORTONI-RICARDO, 2004)². Um exemplo de traço descontínuo é a expressão “inté”. Explica a autora que

INTÉ – é uma forma arcaica da preposição *até*. Esse arcaísmo se conservou no polo rural e praticamente desapareceu dos falares urbanos; por isso foi considerado traço descontínuo. Observe que muitas formas encontradas hoje no polo rural são arcaísmos que se preservaram e podem ser encontrados em obras literárias antigas, como *Os Lusíadas*, poema que foi escrito pelo português Luís Vaz de Camões, para celebrar as descobertas marítimas de seus patrícios, e publicado em 1572. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 54)

Já um exemplo de traço gradual seria a marcação “econômica” de plural nos sintagmas nominais, como se dá em “*A_s garça dá meia volta*”, ao contrário da marcação redundante de plural que ocorre na forma padrão: “*A_s garça_s dão meia volta*”. Como aponta a autora, existe a tendência, no português oral, de evitar a redundância, flexionando-se somente o primeiro elemento do sintagma (o determinante). Uma vez que tal tendência aparece nos três pontos do contínuo – rural, rurbano e urbano –, esse traço é qualificado como gradual.

Apesar de nos basearmos no contínuo de urbanização de Bortoni-Ricardo (2004), não levaremos a termo, neste artigo, a dicotomia “rural *versus* urbano”, dadas as especificidades das comunidades aqui estudadas. Como, em nossa amostra, não nos valem de comunidades totalmente isoladas – como são as rurais no contínuo anteriormente representado –, preferimos denominar de *menos urbana* aquelas que apresentam menor mobilidade populacional e que contam com uma razoável atividade agropecuária ou marítima, como veremos na Seção 3 à frente.

Assim, foram definidas como comunidades *mais urbanas* as seguintes localidades: Trindade, localizada na região central do município de Florianópolis/SC; Ingleses, na região norte; e Coqueiros, na região continental do mesmo município. As demais comunidades, Santo Antônio de Lisboa, na região norte deste município, Ribeirão da Ilha, na região sul e Costa da Lagoa, na região leste, foram definidas como comunidades *menos urbanas*.³

A partir, então, dessa separação das comunidades em mais e menos urbanas, da análise dos aspectos sócio-históricos que emergiram das entrevistas, além dos dados do

² Segundo a autora, são os *traços descontínuos* aqueles que recebem uma maior carga de avaliação negativa dentro das comunidades urbanas. Tal avaliação está ligada a aspectos sociais, políticos e econômicos, e não linguísticos.

³ As comunidades da Trindade, região central de Florianópolis, e Ingleses, região norte, já foram definidas em Monguillott (2009) como comunidades *mais urbanas*, assim como Ribeirão da Ilha, região sul, Costa da Lagoa, região leste, como comunidades *menos urbanas*. A amostra Floripa objetiva ampliar a amostra Monguillott, considerando outros pontos de coleta de dados.

IBGE (2010), julgamos pertinente traçar um perfil de cada uma das comunidades tendo como eixo a sua constituição social e histórica. Eis o que segue.

4 CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DAS DIFERENTES COMUNIDADES DE FLORIANÓPOLIS/SC

Florianópolis tem o início de sua história registrado por documentos que datam da segunda metade do século XVII e da primeira metade do século XVIII. Nesse período, alguns paulistas vieram com suas famílias para povoar essa ilha (VÁRZEA, 1984). O autor relata que essa época

[...] foi marcada por intensa vinda de colonos, com destaque para os anos entre 1678 e 1709 quando o governo da Ilha passou do estado de Rio de Janeiro para o de São Paulo, os quais intensificaram o envio de pessoas. Dessa época em diante até 1738, em que D. João V elevou a governo independente a Ilha e o Continente (este na sua faixa litoral tão-somente) comandaram Santa Catarina, vindos de São Paulo, o cabo militar Sebastião Rodrigues Bragança, o Sargento Francisco Dias de Melo e o capitão da Infantaria Antônio de Oliveira Bastos. Este último trouxe consigo algumas famílias de povoadores portugueses e um destacamento militar, que foi o primeiro conhecido na ilha. (VÁRZEA, 1984, p. 10)

A partir do ano de 1738, alguns portugueses se deslocaram de São Paulo para Florianópolis, segundo Várzea (1984). Embora os portugueses já estivessem presentes nas terras florianopolitanas a partir desse período, apenas alguns meses mais tarde, foi iniciada oficialmente a imigração açoriana na capital catarinense, tal qual registra Piazza (1983) ao afirmar que, por volta de março de 1739, o brigadeiro José da Silva Paes, do estado do Rio de Janeiro, instala o primeiro governo independente em Santa Catarina, trazendo consigo mais algumas famílias, além de sua tropa pessoal. Objetivando dar continuidade ao processo de colonização da região, esse brigadeiro solicita o *envio* de quatro mil famílias do reino de Portugal, que se instalaram na região a partir de 1748 (PIAZZA, 1983).

Deve-se, em grande parte, à chegada dessas famílias açorianas o crescimento de Florianópolis a partir desses anos e, em consequência, a formação de alguns bairros nos anos que se seguiram, conforme registra Várzea (1984) quando relaciona os bairros de Santo Antônio, Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, São Francisco de Paula de Canasvieiras, Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, São João do Rio Vermelho, São Miguel, entre outros.

4.1 A região central – Trindade

Veiga (1993) relaciona o movimento de crescimento vivido em Florianópolis ao surgimento de distintas localidades, tais como Praia de Fora (atual Beira-Mar) e São Luis e Pedra Grande, que originaram o chamado *caminho para a Freguesia da Santíssima Trindade e outras paragens ao Norte da Ilha* (VEIGA, 1993, p. 112).

A esse contexto se relaciona o surgimento do bairro Trindade, ocorrido na segunda metade do século XVIII (VEIGA, 1993), que, nessa época, era conhecido por *Freguesia da Santíssima Trindade de Trás do Morro*. Segundo relata Piazza (1984), essa freguesia se desmembrou da *Freguesia de Nossa Senhora do Desterro* e passou a constituir-se em localidade autônoma. Na data de 23 de março de 1853, quinze anos após obter sua autonomia, a Freguesia da Santíssima Trindade ganhou a condição de paróquia por meio de lei provincial.

Alguns séculos depois, o bairro se desenvolveu e se firmou como zona rural caracterizada por grandes chácaras e plantações, como as de laranja. Sendo a colheita da laranja realizada na mesma época da festa da santidade, que empresta o nome ao bairro, a festividade religiosa teve sua denominação reduzida à *festa da laranja*. Essa festa envolvia, nesse momento histórico, toda a comunidade e servia como momento de encontro das famílias de origem açoriana que viviam nessa região. Tal festa tinha como seio o pátio da igreja.

A história da constituição do bairro teve como momento marcante a construção da Universidade Federal de Santa Catarina e da Eletrosul, no início da década de 1960. Isso, em boa medida, foi responsável pelas grandes transformações e, inclusive, pela caracterização da região como urbana.

A população do bairro Trindade, hoje, de acordo com dados do IBGE (2010), conta com 9.891 homens e 10.894 mulheres, perfazendo um total de 20.785 habitantes. Da fala dos informantes moradores do bairro se erige o sentimento de crescimento expressivo do bairro nos últimos anos. Tal crescimento, segundo registra grande parte dos informantes, está diretamente relacionado à Universidade Federal de Santa Catarina, como mencionamos, localizada no bairro.

Paralelamente a tal crescimento, os entrevistados informam como principais problemas enfrentados, hoje, no bairro, os assaltos e demais formas de manifestação da violência a que são acometidos na região.

(1) [perguntado sobre se vai à Festa da Laranja ou outras festas da comunidade] *Quando eu era pequeno, eu ia, mas de um tempo atrás já não dava mais pra ir, faz anos que não vou, porque com a bandidagem de hoje já não dá mais, um ano mata aqui, outro ano mata ali; então faz muitos, muitos anos que eu não vou mesmo [...].* (Informante masculino/-idade/+escolarizado/morador da Trindade)

Esses problemas, registrados pelos moradores, são percebidos de forma bastante significativa nos demais bairros caracterizados como mais urbanos por ocasião de nosso estudo e se devem, em boa parte, a problemas sociais de configurações bastante alargadas.

Importa, no entendimento de Voigt (2011), dentre outras ações necessárias à região, que sejam operacionalizados projetos de urbanização da região da Serrinha⁴, região de ocupação desordenada do ponto de vista urbano, caracterizada como localidade de baixa renda e marcadamente composta por excluídos sociais. Essa, entretanto, não deve ser a única linha de ação governamental para o melhoramento dessa região.

⁴ A Serrinha consiste em uma comunidade de ocupação irregular existente no interior do Bairro da Trindade, não reconhecida ainda como bairro.

O mesmo autor menciona a necessidade de projetos dessa natureza em outros pontos do bairro como o antigo “caminho do Morro”, ao longo de toda a extensão do Morro da Cruz, que, em sua compreensão, tem potencial turístico. Essas ações, apontadas pelo autor, têm como eixo, justamente, a manutenção das características que deram à localidade o *status* de bairro urbano.

4.2 A região continental – Coqueiros

Até 1943, a região hoje conhecida como Coqueiros pertencia a São José. Desse ano em diante, a região foi integrada ao território municipal da Capital. Assume o *status* de distrito quando, em 1948, a Nova Câmara Municipal de Florianópolis edita uma lei reestruturando e restabelecendo os Distritos Municipais.

Alguns anos mais tarde, em 1954, o Clube Doze de Agosto instala a sua primeira sede balneária, na Praia da Saudade, o que contribuiu, em alguma medida, para a *transformação* dessa comunidade em espaço ocupado pela elite florianopolitana. Foi, justamente, a Praia da Saudade que se configurou centro referencial da região, pois era ali que estava localizada a Igreja Matriz da Comunidade.

Esse movimento ocorrido em Coqueiros é registrado por Ferreira (1998); embora ele discuta a realidade de Florianópolis como um todo, em nossa compreensão, seu registro é bastante ilustrativo do movimento ocorrido nessa comunidade. O autor afirma, então, ser bastante recente, quando comparada a outras cidades da costa brasileira, a atividade turística no município. As manifestações iniciais de entretenimento e lazer, posteriormente associadas ao turismo, vêm através do banho de mar, primeiramente como uma atividade desportiva realizada próxima à área central e, posteriormente, com as segundas residências de florianopolitanos, localizadas na parte interior balneária da Ilha (FERREIRA, 1998).

Tal dinâmica, no entendimento de Santos e Bastos (2009), fomentou o surgimento das primeiras infraestruturas turísticas, que dão início ao processo de urbanização dessas áreas, consideradas privilegiadas pelas elites locais, posteriormente exploradas pelo turismo de massa. Nas décadas de 1950 e 1960, eram destino dos moradores da região central da cidade as praias do continente: a praia do Balneário, localizada no bairro do Estreito; as praias da Saudade, Bom Abrigo, Praia do Meio e Itaguaçu localizadas no bairro de Coqueiros. Inicialmente esses espaços eram utilizados pelos habitantes locais para lazer, a exemplo do que relata umas das informantes, que morou em Coqueiros praticamente a vida toda:

(2) [...] *os balneários começaram quando eu já era moça, com o Clube Doze [...] só que a gente morava por aqui, aqui tem a Prainha, tomava banho ali, a Praia do Riso, nadar, aprendi a nadar tudo ali, aqui na Prainha.* [Pesquisadora: Hoje nem pensar?] *Suja.* (Informante feminino/+idade/+escolarizado/morador de Coqueiros)

Isso se dava dessa forma especialmente porque as estradas que levavam aos outros balneários do município não eram facilmente transitáveis. Com o passar do tempo, no entanto, esses locais localizados no bairro de Coqueiros se urbanizaram, tornando-se áreas de residências permanentes e, como consequência, em alguma medida, o mar se tornou impróprio para banho, como apontam informantes que residem no local há mais de sessenta anos. Segundo eles, o mar que antigamente era tão

utilizado para o banho e para a pesca hoje se apresenta inutilizável sendo urgentes, na opinião desses moradores, melhorias no saneamento do bairro.

A expansão de Coqueiros foi bastante rápida, sendo na atualidade um bairro grande e muito populoso⁵. A população dessa comunidade compreende habitantes de Coqueiros, Itaguaçu, Bom Abrigo e Abraão, perfazendo um total de 22.293 pessoas, sendo 13.592 em Coqueiros, 2.229 em Itaguaçu, 1.262 em Bom Abrigo e 5.210 no Abraão (IBGE, 2010).

4.3 A região norte

Neste estudo e seguindo a amostra Floripa, categorizamos duas comunidades distintas localizadas no norte do município de Florianópolis/SC, a saber: bairro dos Ingleses – comunidade mais urbana; bairro de Santo Antônio de Lisboa – comunidade menos urbana. Passemos a cada uma delas.

4.3.1 Ingleses

O bairro de Ingleses do Rio Vermelho possui uma área de 19.456 Km² e perímetro de 28.404 km, onde estão inseridas as localidades de Ingleses, Santinho, Capivari de Cima e Capivari de Baixo.

Historicamente, o bairro foi povoado por pescadores, que, além de desenvolverem a atividade da pesca, criavam animais e cultivavam lavouras para a sua subsistência. Após a década de 1960, os balneários foram se configurando como núcleos urbanos. O Norte da Ilha se caracterizou como lugar preferencial para as elites da cidade, depois que o continente foi transformado e suas praias contaminadas, tornando-se impróprias para banho.

Assim, nas décadas de 1970 e 1980, houve um *boom* da zona norte da Ilha e dos balneários de Canasvieiras e de Ingleses. Este último, principalmente no setor de comércio, tornou-se bastante independente do centro da cidade, contando com a maioria dos serviços, tais como agências bancárias, postos de saúde, clínicas médicas, escolas públicas e particulares, lojas de móveis, eletrodomésticos, grandes supermercados, farmácias, restaurantes etc. (PRESTES, 2011).

Parte da expansão desses serviços no bairro se deve ao aumento populacional expressivo desde o censo realizado no ano de 2000. O último censo, de 2010, demonstrou um aumento de 20.022 habitantes nos distritos de Ingleses do Rio Vermelho e São João do Rio Vermelho, dois dos maiores distritos do Norte da Ilha, totalizando 81.006 habitantes.

No verão, a população chega a atingir 150 mil habitantes, número que compreende tanto turistas, quanto a ocupação das casas de veraneio, segunda residência especialmente de moradores da região central da cidade. Esse aumento da população típica do verão confere ao bairro uma dinâmica bastante distinta ao longo do ano. No começo da estação de verão, ele é destino de turistas e moradores de segunda residência. Nesta época, a dinâmica do bairro se volta para o setor de turismo. Com o fim da

⁵ Disponível no *site*:

<http://www.florianopolis.maisperto.com.br/home/index.php?option=com_content&view=article&id=213:coqueiros&catid=97:bairro-coqueiros&Itemid=217>. Acesso em: 01 jun. 2012.

temporada de verão, a praia, mais especificamente, passa a ter outro uso com a atividade pesqueira.

Tal diversidade de serviços, bem como o aumento significativo de habitantes no bairro, são demonstrativos da consolidação do bairro como uma *localidade subcentro regional da cidade* (PRESTES, 2011) ou, como vimos classificando neste estudo, como uma região *mais urbana*.

Considerando o número de moradores, importa compreender em quais atividades profissionais se coloca essa parcela da população. Interessante pontuar que do total da população da região, menos de 10% trabalha ainda com a atividade pesqueira, aspecto referendado pelos participantes entrevistados quando da construção do banco de dados Floripa. Dos três informantes entrevistados na localidade, um trabalha em repartição pública na região central do município; a outra, em estabelecimento na área de atendimento ao público; e o terceiro, ainda que tenha trabalhado por muitos anos ‘embarcado’, com pesca, se ocupa hoje com locação de imóveis para a temporada. Considerando tal ocupação desse informante, sobre a vinda de pessoas de outros locais para veranejar, ele menciona:

(3) *Gosto muito. Lá em casa, eles nem gostam, que é tanta, tanta atenção que eu dou pra eles, que a esposa não gosta muito, de tanta atenção que eu dou. [...] Depois que eles vão embora, eu ainda converso com eles por telefone.* (Informante masculino/+idade/-escolarizado/morador de Ingleses)

Outro aspecto interessante é o notório afluxo de pessoas oriundas de pequenos municípios do estado e de fora dele em busca de empregos na área da construção civil, hotelaria (camareiras, auxiliares de manutenção etc.), gastronomia (garçons, auxiliares de cozinha etc.), dentre outros campos afins. Além das atividades formais, é observado um grande contingente vindo especialmente da região Norte do país, na busca por inserir-se em atividades não formais, como venda de produtos de toda ordem nas praias da região, o que inclui os tradicionais vendedores de rede, óculos, cangas etc.

O bairro, mesmo assumindo essa configuração mais urbana ao longo dos anos, continua mantendo características típicas de regiões menos urbanas e acaba, com isso, construindo, entre seus moradores, laços mais ou menos estreitos, principalmente no que se refere à utilização do comércio e da prestação de serviços. O morador, por exemplo, conhece o dono do mercadinho da esquina, o dono da farmácia, cumprimenta e conversa com outros frequentadores, pára para conversar com um vizinho na rua, estaciona o carro em espaços comerciais por conhecer o “guardinha do estabelecimento”. Ele se sente parte desse espaço (PRESTES, 2011). É um conjunto de situações que constituem, de modo geral, o espaço do morador.

Na temporada, por outro lado, tal configuração fica comprometida, já que a própria convivência entre os moradores do bairro fica alterada e diminuída em função da agitação e do super-movimento do comércio. O morador, tal qual registra um de nossos informantes, vai para a casa de um parente e aluga o apartamento para um turista, a vaga do estacionamento que antes ele ocupava está sempre em uso, o trânsito perde sua configuração habitual por conta do grande fluxo de automóveis, fazer uma caminhada na praia só em horários de baixo movimento, fica difícil encontrar os conhecidos entre tantas pessoas estranhas, ou seja, o espaço do morador fica desconfigurado.

4.3.2 Santo Antônio de Lisboa

A *Freguesia de Santo Antônio de Lisboa* nasceu com o nome de *Nossa Senhora das Necessidades de Praia Comprida*. O bairro foi criado pela provisão régia de 26 de outubro de 1751 e hoje incorpora, além de Santo Antônio, Cacupé, Sambaqui e Barra de Sambaqui⁶.

Santo Antônio de Lisboa localiza-se a noroeste na Ilha de Santa Catarina, município de Florianópolis e foi ocupado inicialmente por índios Guaranis. A partir da virada do século XVII para o XVIII, começou a receber imigrantes açorianos⁷.

Por volta da metade do século XVIII, foi construída a igreja de Nossa Senhora das Necessidades, em terreno doado pela família Manso de Avelar. Ainda existem na região construções típicas deste período.

Em função de sua localização geográfica, Santo Antônio tornou-se porto e posto de alfândega onde se dava o comércio com viajantes e navios estrangeiros.

No século XIX, Santa Catarina recebeu portugueses da parte continental, espanhóis, franceses, italianos, alemães, belgas, austríacos, gregos e sírios, sendo 20% dessa população de descendentes de africanos livres que se estabeleceram ao norte de Sambaqui, na Praia do Quilombo⁸.

Todas as Ilhas dos Açores contribuíram com imigrantes que lá viviam de agricultura e pecuária e aqui passaram a viver também da pesca⁹. Ao que tudo indica, é herança deles o linguajar e o sotaque peculiar, a cerâmica, a renda de bilro, o forte sentimento de religiosidade, a literatura, além de festas e de tradições culturais.

O patrimônio existente são os casarios antigos, a Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, o Engenho Andrade, o antigo Posto da Alfândega, a primeira rua calçada do estado de Santa Catarina e a fachada da casa onde se hospedou D. Pedro II na Praça Roldão da Rocha Pires.

O bairro possui grande concentração de restaurantes de comida típica – sobretudo frutos do mar –, que atraem moradores de outros bairros de Florianópolis para almoços em família nos fins de semana. Além da qualidade em culinária, turistas são atraídos ao bairro também pela preservação da arquitetura típica açoriana, notória na igreja local e em casas tombadas pelo patrimônio público.

A cultura popular em Santo Antônio de Lisboa é viva e está presente no dia a dia. Existem representações típicas do folclore catarinense como Boi-de-Mamão, Maricota, Bernunça, Pau de Fita e Cacumbi, que figuram no Carnaval, nas festas juninas, e nas festas do bairro. Há ainda as festas religiosas como a Festa do Divino Espírito Santo, o Terno de Reis e o Pão por Deus. Segundo informam moradores da região, participantes deste estudo, o festejo típico do bairro é a Festa do Divino Espírito

⁶ Informações disponíveis no site: <<http://www.stoantoniodelisboa.com.br/index.php?pag=02>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

⁷ Informações disponíveis no site: <<http://www.stoantoniodelisboa.com.br/index.php?pag=02>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

⁸ Informações disponíveis no site: <<http://www.stoantoniodelisboa.com.br/index.php?pag=02>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

⁹ Informações disponíveis no site: <<http://www.stoantoniodelisboa.com.br/index.php?pag=02>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

Santo, que ocorre anualmente no mês de setembro. Através dessa festa, segundo eles, algumas despesas da Igreja são sustentadas o que explica, em parte, a consolidação e a evolução da festa ao longo do tempo.

Ainda de acordo com as entrevistas realizadas, o crescimento do bairro se deu concomitantemente à abertura da rodovia estadual que liga o centro da cidade aos bairros do norte da Ilha. Para os residentes aqui mencionados, o ponto negativo do crescimento populacional do bairro é a contínua depredação do meio ambiente, bem como a baixa incidência de comunicação entre a vizinhança, se comparada a anos anteriores à chegada de pessoas advindas de diversas áreas do Brasil, momento em que todos se conheciam, como explicita o excerto de entrevista que segue:

(4) O bairro cresceu lógico a partir da rodovia, da SC que abriu né... Melhorou as condições de tráfego, de mobilidade, mas né a chegada de muitas outras pessoas que vieram morar aqui, se estabelecer aqui, a gente sabe disso que Florianópolis se tornou atrativo [...] E, contudo isso, tem o lado positivo, mas também tem o lado negativo né. [...] tem a depredação do meio ambiente [...] esse aí é o grande problema especialmente da nossa região. (Informante feminino/+idade/+escolarizado/morador de Santo Antônio de Lisboa)

Mesmo assim, a comunidade ainda hoje participa e perpetua lendas e tradições herdadas de seus antepassados, fazendo com que cada data comemorativa se torne uma rica experiência para moradores – 5.367 no total (IBGE, 2010) – e visitantes.

4.4 A região sul – Ribeirão da Ilha

O Ribeirão da Ilha foi uma das primeiras comunidades do Estado e a primeira de Florianópolis a ser habitada, no século XVI, pelos índios Carijós. Os primeiros navegadores portugueses e espanhóis chegaram por volta de 1506¹⁰. Entre 1748 e 1756, no entanto, houve a colonização efetiva da Ilha, desembarcando cerca de seis mil açorianos. Desses açorianos, cerca de cinquenta casais estabeleceram-se no Ribeirão da Ilha¹¹.

Esse bairro é o segundo distrito mais antigo de Florianópolis, depois de Santo Antônio de Lisboa, sendo dividido em: Alto Ribeirão, Barro Vermelho, Caiacangaçu, Caieira da Barra do Sul, Carianos, Costeira do Ribeirão, Praia dos Naufragados, Praia da Tapera e Sertão do Peri. Ele tem área de 51,54 km² e população de 20.392 habitantes (IBGE, 2010). Economicamente, é o maior produtor de ostras do Brasil; além disso, conta com produção de rendas de bilro, de canoas e de baleeiras, de balaios e de cestos de cipó¹².

O bairro conta ainda com traços bem significativos da arquitetura colonial portuguesa, o que fica evidenciado nas casas que, em sua maioria, possuem paredes pintadas na cor rosa, com janelas amarelas, brancas ou verde com azul. As cortinas também chamam a atenção, quase todas feitas de renda. É comum, ainda nos dias de

¹⁰ Informações disponíveis no site: <<http://www.guiafloripa.com.br/turismo/praias/ribeirao.php3>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

¹¹ Informações disponíveis no site: <<http://www.ribeiraodailha.com/p/1.html>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

¹² Informações disponíveis no site: <<http://www.ribeiraodailha.com/p/1.html>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

hoje, a presença de mulheres debruçadas na janela, enquanto seus maridos, quase todos pescadores, puxam as redes na praia para trazer peixe fresco para casa.

Paralelamente à conservação desses traços, a manutenção das características de compartilhamento identitário parece ser, como apontam os dados provenientes das entrevistas da amostra Floripa, mais significativa no caso da participante de oitenta anos que apresenta identificação expressiva com a comunidade, o que parece ficar claro quando ela diz ter trabalhado como rendeira no museu do Ribeirão da Ilha e na Intendência do mesmo bairro e que, mesmo aposentada, tem como ocupação nas horas vagas a renda de bilro; além disso, ao que parece, a maioria das relações que ela estabelece – familiares, sociais (Clube de Idosos e Igreja Católica, ambos no bairro), comerciais (as compras de casa são realizadas em pequenos estabelecimentos nas proximidades da sua casa) etc. – são circunscritas aos entornos dessa comunidade. Os participantes mais jovens – inclusive o de 51 anos de idade – parecem ter relações mais horizontalizadas e um discurso menos perpassado pelas tradições da comunidade.

4.5 A região leste – Costa da Lagoa

Quando da abolição da escravatura, a abundância de mão de obra típica deixou de existir e, como havia entre os brancos um certo preconceito em relação ao trabalho braçal, começou a ocorrer relativa decadência da região. Após alguns anos tornou-se evidente o efeito do êxodo para outras regiões.

A população remanescente da Costa passou a se dedicar quase que exclusivamente à pesca, com uma ou outra roça de feijão, mandioca ou cana e colhendo, dos pomares que já existiam, o café, a bergamota e a laranja. Tais atividades parecem ser referendadas pelos dados provenientes das entrevistas que realizamos, como, por exemplo, no caso de uma participante de 80 anos que menciona como ocupação laboral os afazeres da casa e as atividades implicadas no cultivo da roça de milho e de mandioca.

Com a diminuição da produção de cana-de-açúcar os engenhos ficaram abandonados, muitos apodrecendo no tempo. Sem produção de cana, desapareceram os alambiques, as moendas e o barulho de rodas d'água dos engenhos. Atualmente, o lugar é dos mais visitados da região, principalmente por causa de seus restaurantes, pequenas praias, trilhas ecológicas e cachoeiras (GIMENO, 1992).

Nos últimos anos, a localidade diversificou o leque de seus interesses: a procura de empregos fixos ou atividades sazonais ante as debilidades da pesca; a organização da associação de moradores como dispositivo representativo dos anseios da Comunidade; a vinda de moradores de fora, embora em pequeno número, como registra um dos participantes de pesquisa, constituindo-se também num foco de decisão dentro da localidade. Tal reconfiguração nos interesses dos moradores da região é indicativa da heterogeneidade social e política da localidade e contribui para agravar os conflitos quanto ao futuro que se quer criar na região (GIMENO, 1992). Importa registrar que, ainda hoje, o principal meio de locomoção dos moradores da região são os barcos.

Atualmente a localidade tem se dividido entre a tradição e as diversas opções sugeridas pelas necessidades da vida moderna, uma vez que a ela se apresentam inúmeras e variadas possibilidades de desenvolvimento futuro. A estrada ou a cooperativa de camarão são os dois exemplos dessa polarização da localidade (GIMENO, 1992). No entanto, os dados provenientes das entrevistas realizadas quando da construção da amostra Floripa apontam para a manutenção das relações e das

atividades laborais no âmbito da comunidade. Um dos participantes de pesquisa, com 23 anos e ensino superior incompleto, informa trabalhar e residir na região da Costa da Lagoa; além de ter como colegas de trabalho exclusivamente pessoas nativas de Florianópolis. Ele menciona ainda que tanto seus pais quanto seus irmãos têm atividades ocupacionais relacionadas à pesca também nessa localidade.

(5) [...] *ela [Costa da Lagoa] vive principalmente do turismo né? A grande parte dos moradores da Costa da Lagoa trabalha com o turismo direta ou indiretamente. Tem quatorze restaurantes, tem... vamos colocar em média seis pessoas trabalhando no inverno em cada restaurante [...].* (Informante masculino/-idade/+escolarizado/morador da Costa da Lagoa)

Além disso, é comum na fala dos participantes a remissão à circunscrição das atividades comerciais e de prestação de serviço à comunidade, sempre que possível. Especialmente os participantes mais jovens apontam como aspectos negativos da comunidade a carência de alguns serviços e os problemas de deslocamento em razão de se restringirem ao uso dos barcos.

No entanto, segundo o que registram os participantes, a possibilidade de implantação de ações governamentais que poderiam, em alguma medida, contribuir para a solução desses problemas não parece ser vista de forma positiva. Quando perguntamos a uma das participantes se a possibilidade de construção de uma estrada na região seria uma ação positiva, ela respondeu que não, por se tratar de uma medida que contribuiria para a descaracterização da comunidade, no entendimento dela, quanto à calma, ao silêncio e à segurança típicos da localidade.

O desejo unânime, percebido nas falas dos informantes da pesquisa, de manutenção das características da comunidade pode ser percebido ao percorrer-se o secular caminho de pedras que liga a Lagoa da Conceição à Costa da Lagoa, por exemplo. Há ainda alguns engenhos típicos, casarões e sobrados além de uma natureza exuberante entre florestas, riachos de águas cristalinas e a bela Lagoa da Conceição. Há que se registrar, como um movimento nesse sentido, o interesse dos próprios moradores em marcar, a todo tempo, o contentamento em ter na Costa da Lagoa o *seu* lugar.

O Decreto Municipal n.247/86 tombou o caminho da Costa da Lagoa como patrimônio histórico cultural. Toda a região está zoneada como Área de Preservação Cultural-I (GIMENO, 1992). Assim, como não é ainda considerada oficialmente uma localidade separada dos bairros localizados nos arredores, a comunidade não conta com números oficiais específicos dessa comunidade por parte de pesquisas censitárias. Dados extraoficiais dão conta de cerca de 750 eleitores. Um dos participantes da pesquisa informa, nesse sentido, inferenciar que o número de habitantes hoje se aproxima de duas mil pessoas.

5 SIMILITUDES E DISSIMILITUDES ENTRE ESSAS LOCALIDADES DO MUNICÍPIO: UMA SÍNTESE

A discussão das similitudes e dissimilitudes de ordem social e histórica entre as localidades nas quais foram realizadas, em 2012, as 24 entrevistas que integram a amostra Floripa, evidenciou ser traço comum às comunidades caracterizadas como *menos urbana* – como o caso da Costa da Lagoa, por exemplo – uma menor mobilidade

dos moradores/informantes por outras comunidades do município em relação aos moradores de comunidades *mais urbanas*, dentre outros aspectos. As compras, os serviços de saúde e educacionais, as atividades de lazer, entre outros, tendem a circunscrever-se à própria comunidade.

Os informantes de comunidades caracterizadas como *mais urbanas*, por outro lado, tendem a mover-se mais, quer seja pelas atividades laborais, educacionais ou pelas relacionadas com obtenção de serviços de forma geral. Nas comunidades *mais urbanas*, ainda, observamos uma menor manutenção de atividades laborais relacionadas com o que historicamente foi entendido como atividades típicas da população do município de Florianópolis, como a pesca, a fabricação de renda de bilro etc.; ao passo que, nas comunidades *menos urbanas*, tais atividades ainda são comuns.

Outros aspectos que parecem centrais na compreensão das diferenças e semelhanças entre as seis comunidades, e que estão relacionados ao proposto nos dois parágrafos imediatamente anteriores, são as questões de sazonalidade, empregabilidade e mobilidade. Nessa perspectiva, é comum, como já registrado, a determinadas comunidades, como o caso de Ingleses, um aumento expressivo no número de habitantes, ainda que temporários, no período de verão; o que acaba por impactar inclusive as atividades para obtenção de renda. A exemplo disso, o informante com mais de 50 anos, morador dos Ingleses, antes pescador, informa trabalhar, hoje, com locação de apartamentos para temporada. Os informantes mais jovens, por outro lado, embora já tenham trabalhado diretamente com atividades relacionadas ao turismo, trabalham, atualmente, em outras regiões do município pela valoração da estabilidade proporcionada por atividades ditas *anuais*.

Na Costa da Lagoa, em contrapartida, embora o turismo, em alguma medida, tenha relação com as atividades laborais desenvolvidas na comunidade – já que muitos moradores trabalham nos restaurantes, que recebem um número expressivo de turistas no verão ou de moradores de outras regiões aos finais de semana, ao longo de todo o ano, ou, ainda, na pesca que *alimenta* tais restaurantes –, a comunidade em si é composta de moradores que ali nasceram e ali desenvolvem suas atividades, mantendo relação direta com o que entendemos serem atividades marcadamente típicas dos moradores do município ao longo da história: a pesca, mesmo que tenha como destino os restaurantes que atendem aos turistas, a fabricação de renda de bilro, ainda que para a venda a esses turistas, e assim por diante. Esses exemplos, em nossa compreensão, evidenciam os aspectos que vimos chamando de mobilidade, empregabilidade e sazonalidade.

A busca por compreender diferenças e semelhanças entre as comunidades nas quais foram realizadas as entrevistas nos fez perceber que há um conjunto de traços de caráter histórico e social explicitado na fala dos informantes moradores de tais comunidades, traços que possibilitam a caracterização dessas localidades como *mais urbanas* e *menos urbanas*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, empreendemos uma apresentação de seis comunidades – Ingleses, Santo Antônio de Lisboa, Trindade, Costa da Lagoa, Coqueiros e Ribeirão da Ilha – localizadas em cinco regiões do município de Florianópolis/SC – norte, centro, leste, continente e sul, respectivamente –, tendo como norte a seguinte questão de pesquisa: *Qual a caracterização sócio-histórica das comunidades nas quais foram realizadas as*

entrevistas com metodologia pautada na sociolinguística laboviana que constituem o banco de dados Floripa?

Para dar conta da caracterização sócio-histórica dessas regiões, apresentamos, primeiramente, o conceito de ‘comunidade de fala’ proposto por Guy (2003).

Em seguida, abrimos a discussão acerca dos conceitos de zonas mais e menos urbanas, seguindo os estudos de Bortoni-Ricardo (2004), uma vez que entendemos que as seis comunidades aqui descritas encontram-se em um contínuo de urbanização, conforme discorreremos na Seção 2. Feito isso, passamos propriamente para a caracterização sócio-histórica das comunidades em questão, conforme consta na Seção 3, o que nos auxiliou a refletir acerca de processos vinculados à mobilidade, empregabilidade e sazonalidade.

Esperamos, com este trabalho, ter contribuído para a caracterização sócio-histórica das localidades que compõem a amostra de dados *Floripa*, oferecendo subsídios para pesquisas de fenômenos em variação a serem realizadas a partir desses dados, cujos resultados possibilitarão reconhecer em que medida tais localidades se configuram (ou não) como comunidades de fala distintas.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M.. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

DAVET, Julie Cristiane Teixeira. *Estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC: algumas implicações identitárias*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

FERREIRA, S. L.. *O Banho de mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Das águas, 1998.

GIMENO, S. I. D.. *O Destino Viaja de Barco: Um estudo Histórico, Político e Social da Costa da Lagoa e de seu processo de Modernização. (1930-1990)*. (Pós-Graduação em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

GUY, G. R. *As comunidades de fala: fronteiras internas e externas*. Fortaleza: ABRALIN, 2003.

MONGUILHOTT, I. de O. e S.. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PIAZZA, W. F.. *O poder legislativo catarinense: das suas raízes aos nossos dias, 1834-1984*. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.

_____. *Santa Catarina: Sua História*. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

PRESTES, L. D.. *Bairro Ingleses: dinâmicas urbanas*, 2011. Disponível em: <<http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/df06d00f773398be9b60618590e2aa62.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

SANTOS, F. M. dos; BASTOS, J. M.. *O processo de urbanização do litoral e a expansão do turismo na capital catarinense – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil*, 2009. Disponível em: <<http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/199.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

VEIGA, E. V. da. *Florianópolis: Memória Urbana*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.

VOIGT, A. F. *Memória do bairro Trindade em Florianópolis*. Florianópolis: *Ágora*, v. 21, n. 43, p. 111-123, 2011.

Data de submissão: 20/05/2013

Data de aceite: 18/10/2013

ANEXO

Mapa de Florianópolis com identificação das seis comunidades em que foram realizadas as entrevistas da amostra Floripa e, por cor, das cinco regiões.



- Região Norte
- Região Leste
- Região Sul
- Região Central
- Região Continental